



Enfermeira Cristina Pereira
Secretária da Assembleia
Regional da secção regional
dos Açores da Ordem dos
Enfermeiros

OS DIAS QUE NÃO PEDIMOS MAS QUE TEMOS DE VIVER...

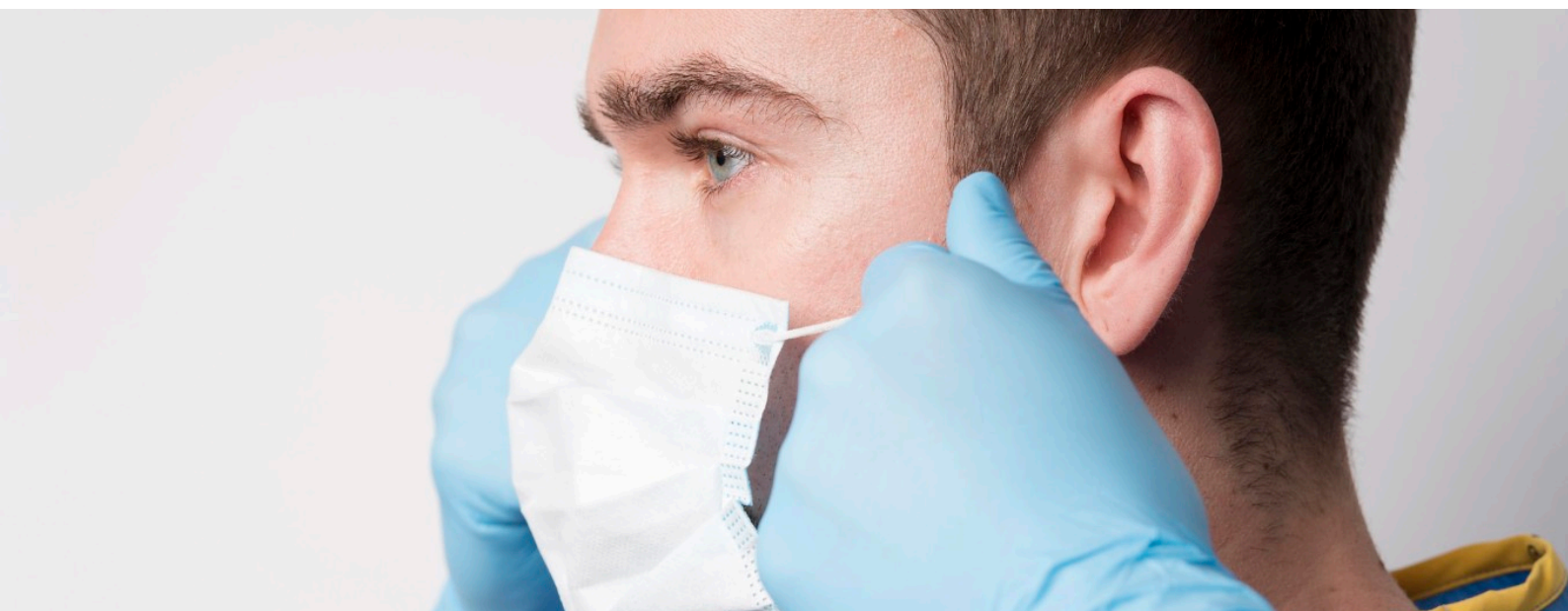
“Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar dos teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do género humano, e por isso não me perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti.” De John Donne.

E assim, de repente e sem aviso prévio, chegamos à conclusão de que

o mundo nunca mais voltará a ser o mesmo e que as nossas vidas também nunca mais voltarão a ser iguais!

De uma forma progressiva e consistente, fomos tomando consciência de uma verdade incontornável, verdade essa que nos fez acordar para a evidência cruel e dramática de que o mundo nunca estará verdadeiramente preparado para o inesperado, o incerto e o imprevisto... esta pandemia trouxe ao de cima tudo isso da pior forma possível... da mais cruel e penosa! Esta pandemia, de forma transversal e continuada, afetou a vida de todos





onde quer que encontrassem e qualquer que fosse a sua condição de vida. Sem excluir qualquer ponto do globo ou população que nele habite. Como dizem estamos perante um vírus verdadeiramente “democrático”, que toca a todos independentemente do seu posicionamento/estatuto na sociedade.

Ligou-nos a uma realidade onde o progresso e a melhoria generalizada das condições de vida, de um momento para o outro, deixam de ter valor e fazer sentido em detrimento das fragilidades a que somos diariamente expostos... e que a cada hora vemos ir acontecendo pelo mundo!

Passamos a viver em modo intermitente, condicionados por medidas avulsas que visando a contenção da doença nos privam de um conjunto de coisas que estando

assumidas como definitivas, do nada deixaram de o ser!

Para o bem e para o mal tivemos de reformular o nosso modo de viver, as nossas rotinas, o nosso dia a dia. Tudo se alterou com os que amamos, com os colegas, com as pessoas com que diariamente nos cruzamos e convivemos. Os fins-de-semana passaram a estar dependentes de um conjunto de fatores e decisões que não controlamos e que ficamos a conhecer, muitas das vezes, apenas de antevéspera, em cima de serem implementados.

Os planos deixaram de fazer sentido, as férias condicionadas, alteradas, as viagens canceladas... tudo, o que dávamos como certo e adquirido, perdeu aquele encanto e “sabor” a que ao longo dos tempos nos fomos habituando a desfrutar. Estávamos longe de sonhar que um

dia tudo pudesse ser “congelado” e regredíssemos naquilo que de mais importante podemos ter na vida a seguir à saúde... a liberdade para podermos decidir como e o que fazer! Travar a contaminação sem travar economia passou a ser “a dor de cabeça” de quem diariamente decide como e para onde vamos sem na maioria das vezes explicar claramente o porquê das decisões e o porquê de algumas restrições. Decisões que por vezes, por falta de clareza na explicação e de verdade, se nos afiguram incompreensíveis e injustas! Quando a saúde pública é afetada de forma tão dramaticamente incontrollável, trazendo ao de cima as fragilidades do SNS e da generalidade dos serviços de cuidados, de apoio e assistência a idosos. Traz ao de cima o lado mais escuro de uma sociedade...

a pobreza. Descobre-se a verdadeira extensão de uma sociedade desigual e muitas vezes egoísta e impreparada! Quando se percebe que os recursos financeiros e tecnológicos não chegam para superar as falhas repetidamente reportadas no que toca a pessoal especializado e equipamento, e que o dispositivo humano existente não é suficiente nem infindável. Descobre-se que o dinheiro, quando existe, não resolve tudo e, o mais importante, que os profissionais de saúde são humanos e como tal com energia limitada! Quando as populações não são alertadas, de forma clara e assertiva, para os efeitos que resultam, para os próprios e para quem os rodeia, de maus comportamentos e opções erradas de vida. Descobre-se que cada um vai para seu lado, interpreta à sua maneira e assume, de forma egoísta,





um mundo à volta do seu umbigo! Passamos a viver de medo e com o medo. A esperança, que tantas vezes é o elixir para encontrarmos força para acreditar e combater as adversidades, desvanece-se... ficamos frágeis e desprotegidos... entregues a um destino incerto, penoso e doentio. E assim, como que do nada, eis que estamos em dezembro! Todos temos pensamentos comuns, como será o Natal? Como encontrar forma de se poder estar com aqueles que, por força dos vários confinamentos, não vemos há muito tempo? Como passar um período onde os beijos e o calor dos abraços são, muitas das vezes, as melhores prendas que damos ou recebemos? Como resolver esta angústia sem incumprir e ao mesmo tempo dar um pouco de esperança a

quem ela já não chega? Vivem-se ainda tempos incertos, inseguros e dificuldade extrema. Todos os cuidados a ter connosco e com os outros, principalmente mais velhos, são uma prioridade e uma obrigação a ter sempre presente. Urge encontrar o melhor de dois mundos num mundo em que se vivem tempos singulares e onde não há espaço para pluralismos. A todos profissionais de saúde em geral e aos colegas em particular faço votos para que na continuidade desta batalha contra um inimigo invisível, implacável e desgastante não falte a atitude, a força, a determinação e o grande profissionalismo que a todos, em tão elevado nível, tem acompanhado no desempenho das várias funções a cada dia que passa.

Importa dar mostras de confiança aos que de nós precisam. Deixar claro que enquanto humanamente for possível, podem contar connosco, não desistiremos! Muitos de nós estão no limiar das capacidades físicas e psicológicas... cansados, desgastados, amassados, mas presentes e sempre com o comprometimento do rigor e da assertividade que a profissão exige. Estaremos sempre lá, na linha da frente, seremos o garante de que nada falte nos cuidados a prestar e no acompanhamento de todos os que deles necessitarem.

Como profissionais de saúde assistimos o dever e a obrigação de tudo fazermos para que a “verdadeira qualidade de vida” nunca falte aos que recorrem ao SNS. Lá onde diariamente temos a noção e a perceção do incalculável valor da vida!

É necessário encontrar soluções por forma a evitar que uma época que,

face às contingências, será por si só já triste e melancólica se possa tornar o mais alegre e amistosa possível... onde o calor da presença e a manifestação de afetos sejam acompanhados por pequenos gestos que possam fazer a verdadeira diferença na vida de todos aqueles de quem verdadeiramente gostamos. Vamos repensar a “magia do Natal” e aprender a vivê-la em tempos conturbados de pandemia... vamos reinventar-nos e tudo fazer para que, com ou sem os que normalmente nos acompanham nesta época e principalmente os mais vulneráveis, não falte o conforto, a alegria, a felicidade e fundamentalmente a segurança.

Um Santo Natal e um 2021 Próspero, Feliz e Saudável para todos...

